

Globethics Repository



“A vida é uma sequência de memórias” ["Life is a sequence of memories"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Machado, Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-14 01:36:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158346

Entrevista da Semana

“A vida é uma sequência de memórias”

O médico Ivan Izquierdo reflete sobre a importância da memória para a vida humana e os modos como esta é impactada pela tecnologia

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA

Do ponto de vista biológico, a memória é elemento fundamental para a vida humana, e ocupasse do ato de caminhar até o reconhecimento do perigo. Conforme o professor e médico Ivan Izquierdo, a importância da memória está intimamente ligada ainda ao funcionamento do corpo. “Todos os processos metabólicos de qualquer organismo são sequências de processos bioquímicos bem estabelecidos onde cada um depende do anterior. Cada um deve se lembrar do anterior”. E afirma: “Sem memória não há vida. É possível, inclusive, dizer que a vida é uma sequência de memórias”.

Mas de que forma as revoluções tecnológicas afetaram nossa memória? De que modo os periféricos digitais colaboram para expandir as fronteiras entre lembrança e esquecimento? Nesta entrevista, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Izquierdo reflete sobre estas problemáticas, e de-

fende: “O computador não pode me mudar, mas o uso que eu faço dele, sim. O que meu cérebro faz com os dados fornecidos pelo computador pode modificar sinapses – e a memória se guarda justamente modificando sinapses”.

Ivan Izquierdo é graduado em Medicina, com doutorado em Farmacologia pela Universidad de Buenos Aires – UBA. Seu pós-doutorado, em Neuropsicofarmacologia, foi pela University of California – UCLA. Professor Titular de Medicina, é coordenador do Centro de Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e coordenador científico de seu Instituto do Cérebro. Membro de 21 sociedades científicas do país e do exterior, é autor, entre diversas obras, de *Memória* (Porto Alegre: ArtMed, 2011), *Releituras do óbvio* (São Leopoldo: Unisinos, 2006) e *A arte de esquecer* (Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira a revolução tecnológica que estamos vivendo, da nanobiotecnologia, impacta em nosso modo de compreender o conceito de memória tradicionalmente concebido pela medicina, por exemplo?

Ivan Izquierdo – O conceito de memória talvez não tenha mudado, mas graças à revolução tecnológica conseguimos compreender muito mais os mecanismos da memória. Avançamos mais neste sentido do que nos últimos 200 anos, sem dúvida. Mais do que um avanço dos aparelhos eletrônicos, a grande evolução veio dos processos químicos do funcionamento cerebral. Esta era uma área praticamente desconhecida duas décadas atrás e

hoje se tornou fartamente conhecida. Conhecemos os mecanismos bioquímicos que fazem a memória, os lugares onde elas são feitas.

Quantitativamente é impossível dizer, pois estas coisas não têm medida, mas é como ouvir uma música de longe pela primeira vez e conhecer a partitura completa para dirigir a orquestra. Meus alunos de graduação, quando leem o que profissionais destacados escreviam sobre o cérebro 15 ou 20 anos atrás, riem. Quando veem o que se escrevia há 50 anos, às vezes se interessam pelo valor histórico, mas é como ler um conto cômico. As coisas que fazemos hoje em qualquer laboratório onde se trabalha a memória são

completamente incompreensíveis para um sujeito de 100 anos atrás.

IHU On-Line – Qual a importância da memória para a nossa sobrevivência?

Ivan Izquierdo – Se não nos lembrássemos de que certas coisas são perigosas, morreríamos no instante seguinte. Por exemplo, quando tenho que atravessar a rua, preciso lembrar que o carro pode me atropelar, que ele vem em uma direção, se a velocidade que ele está vindo é compatível com a que eu preciso empreender para atravessar na frente dele, enfim. Tudo isso devo me lembrar à perfeição, porque envolve risco de vida. Precisamos aprender (e lembrar) como se usa uma

escada; se há elevador, como se usa... Até mesmo para andar é preciso lembrar que se deve colocar uma perna na frente e depois a outra. Sem memória não há vida. É possível, inclusive, dizer que a vida é uma sequência de memórias. O coração precisa lembrar que fez uma sístole¹ para bioquimicamente ter condição de fazer uma diástole. Todos os processos metabólicos de qualquer organismo são sequências de processos bioquímicos bem estabelecidos onde cada um depende do anterior. Cada um deve se lembrar do anterior.

IHU On-Line – Como o esquecimento, também, torna-se essencial para que possamos viver?

Ivan Izquierdo – Em primeiro lugar, porque não cabe tudo. Nós temos capacidade de armazenar uma quantidade de informação finita. É uma capacidade muito extensa, mas não é possível guardar tudo. E nem ao mesmo tempo. A vida diária exige mais o uso desse tipo de seleção de memória, que chamamos multitarefa. Mas mesmo o multitarefa tem um limite também. Existe um determinado número de tarefas que podemos fazer ao mesmo tempo, com alguma prática, mas não são muitas.

IHU On-Line – Qual o impacto das novas tecnologias em nossos processos de construção de memória? Os dispositivos móveis eletrônicos de armazenamento de memórias contribuem ou prejudicam nossa capacidade memorial? Por quê?

Ivan Izquierdo – A nossa capacidade de memória agora é muitíssimo maior, pois temos periféricos onde guardá-las e utilizá-las. Podemos crescer, decrescer, apagar, modificar, acessar o sistema de processamento de texto. Agora uma máquina faz isso pelo cérebro. Se eu quero saber agora, nos próximos 10 minutos, quais os principais passos metabólicos para uma sístole cardíaca, vou na internet e vou saber isso em muito menos de 10 minutos. Assim, aumentou o acesso do cérebro aos dados e a capacidade e velocidade de processá-los.

IHU On-Line – Fotografias, agendas de telefone, diários e mais recen-

¹ Sístole e diástole: período de contração muscular das câmaras cardíacas que alterna com o período de repouso, diástole. (Nota da IHU On-Line)

temente toda a sorte de aparelhos eletrônicos podem ser considerados como banco de dados de memórias ou como dispositivos de acionamento de nossa memória cerebral? Por quê?

Ivan Izquierdo – São bancos de dados, sim, mas também dispositivos para mudar nossa memória, fazê-la crescer, diminuir... O computador não pode me mudar, mas o uso que eu faço dele, sim. O que meu cérebro faz com os dados fornecidos pelo computador pode modificar sinapses – e a memória se guarda justamente modificando sinapses.

IHU On-Line – Como a ideia muito corrente há 20 anos de que o cérebro se pareceria a um computador, com circuitos fixos, foi superada em nome de uma perspectiva mais aberta atribuindo novas e mais elásticas funções aos neurônios? Esta visão mais contemporânea do funcionamento cerebral está mais alinhada ao ponto de vista do software livre, sempre aberto e possível de ser expandido?

Ivan Izquierdo – Foi superada por uma perspectiva muito mais aberta. O cérebro se assemelha em alguns aspectos ao computador, mas em outros lembra mais uma vasilha cheia. O cérebro está constantemente mudando. Apesar da idade, todos nós somos hoje mais do que ontem. Aprendemos coisas, deletamos algumas, perdemos várias. As memórias na verdade são apenas frações mínimas do que interagimos a cada dia. Por exemplo, ao pensar na tarde de ontem, não conseguimos lembrar mais do que 10 minutos sobre todo aquele período. A menos que tenha acontecido algo fantástico, ou que tenhamos visto um filme fantástico, a maior parte do que vemos é esquecida segundos depois. O melhor médico do mundo pode contar tudo que sabe sobre medicina em menos de uma manhã. Eu posso relatar minha infância em todos os altos e baixos, com os conteúdos imensos que aprendi durante esse período, em poucas horas.

A maior parte da informação que processamos é perdida em seguida e desaparece por completo. Então, quando Freud² dizia que era possível lembrar

² Sigmund Freud (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e

todas as memórias da infância, isso não era verdade. Naquela época não sabíamos nada de neuroanatomia, não sabíamos nada de neuroquímica e muito menos computação. Era fácil dizer isso quando se sabia tão pouco. Eu tenho um curso de pós-graduação que tem quatro ou cinco alunos. Não sei o nome de nenhum deles. Eles também não devem estar seguros se “Izquierdo” é com Z ou com S. Nós esquecemos as coisas, mas com o pouco que nos sobra fazemos tudo que há no mundo.

IHU On-Line – De que maneira as novas concepções que existem sobre o funcionamento cerebral são também resultado de novas formas de compreensão do nosso tempo, menos binárias e mais complexas?

Ivan Izquierdo – De que forma não sei, mas sem dúvida há uma influência tremenda. Partes de nosso cérebro funcionam de forma binária, porém as estruturas cerebrais, em seu todo, funcionam de forma complexa.

IHU On-Line – Deseja acrescentar mais alguma coisa?

Ivan Izquierdo – A cultura tecnofóbica é uma ignorância. Quem tem este pensamento está perdendo o mundo. Este é um mundo cada vez mais técnico, é preciso conhecer a tecnologia para entendê-lo.

Leia mais...

- *Esquecimento e memória do ser.*

Edição 53 da **IHU On-Line**, de 12-

05-2003, disponível em <http://bit.ly/1q74HRR>.

Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)